

## TEORIA DOS PROTÓTIPOS E APLICAÇÃO AOS FATOS DA LINGUAGEM

*Ivo da Costa do Rosário*  
[rosario.ivo@gmail.com](mailto:rosario.ivo@gmail.com)

Segundo Taylor (1992:38), as últimas décadas legaram à contemporaneidade diversos debates oriundos de várias áreas da Ciência. Tais discussões encetadas na área da Psicologia Cognitiva, entre outros campos, permitiram um aumento considerável de evidências empíricas que contestam os fundamentos da teoria da categorização clássica, tal como foi proposta por Aristóteles.

Os primeiros estudos empíricos que serviram como alternativa à teoria aristotélica referentes à categorização devem-se a Ludwig Wittgenstein (1945), em sua obra *Investigações Filosóficas*. Ao analisar a palavra jogo, o autor verificou que nem todos os membros da referida categoria compartilhavam o mesmo grupo de propriedades que o distinguia claramente dos "não-jogos". De fato, Wittgenstein (1945) percebeu que a categoria jogo era fuzzy, ou seja, não-discreta, vaga, indistinta.

Segundo Taylor (1992), entre as várias vantagens da Teoria dos Protótipos devemos sublinhar a possibilidade de inclusão de dados não-prototípicos, antes deixados à margem por abordagens de cunho aristotélico. Os casos ambíguos e de difícil classificação não ficam marginalizados na Teoria dos Protótipos. Ao contrário, também os membros periféricos podem ser associados às diversas categorias. Sendo assim, tal teoria apresenta uma possibilidade de tratar os dados empíricos da língua de forma mais confortável do que vem fazendo a secular proposta aristotélica.